cafécomblues

Plácido Primoooo!

Tudo de bom
muita luz paz e som
Valeu!

18-01/08

Com alegria

Estamos juntos
nessa caminhada
Luz sempre amigo.

22 de Janeiro 2008

TIPO EXPORTAÇÃO

cafécomblues

Quando pensamos em fazer algo que pudéssemos misturar o Brasil com o Blues, foi na lata, ou melhor, na xícara. Pensamos no café.
Viemos de uma banda de blues raiz, na qual tocávamos os clássicos do blues, mas bebemos na fonte Brasil Nordeste já há algum tempo, tocando com outros artistas da nossa região e respirando outros ritmos.
A proposta Café com Blues é misturar, misturar, criar novos espaços harmônicos e melódicos, trazer a raiz para perto do novo e o novo para perto da raiz em um vai-e-vem de ritmos fazendo quem ouve conhecer a origem e saborear o agora.
Se me perguntarem: onde está o blues? Eu respondo: no café, é só tomar um gole e você começa a entender todo esse som.
Aqui, no nordeste, se tem o costume de oferecer café em toda casa que se chega. Vivemos e vimos de perto a cultura do povo da caatinga, as comidas, as músicas, os costumes, desde quando nossos avós moravam lá. Acordar junto com as galinhas e comer buchada logo cedo no café, ê saudade de vovó Cirila...
O café é o que tem de comum no meio daquele povo é o que entrelaça o convite de se adentrar na casa do caatingueiro. "*Ô cumpadi se achegue... ô Flozina traz um café aí pro cumpadi Eurico*". É assim que se fala aqui e, assim, convidamos a todos a se "*achegarem*" pra perto, pois vai começar o nosso som: uma mistura com vários sabores e ritmos tendo o blues como a nossa base recheado com uma boa dose de café do Brasil, se *achegue* a casa é sua...

Diro Oliveira

Thomaz Oliveira

Diro' Oliveira

Júlio Caldas

Luciano PP

Lúcio Ferraz

Horton Macedo

Ode à Café com Blues

A Café com Blues é formada por músicos experientes e virtuosos. Todos os integrantes da banda manejam com maestria o instrumento de seu ataque ao espaço, redundando ondas sonoras entusiasmantes.
O domínio de suas armas melódicas e harmônicas estende-se e manifesta-se no palco. É através dos olhares de cada um dos integrantes que se verifica a intensidade expressada em ritmo contagiante. Performáticos e apaixonados transmitem uma energia impulsionadora, que desloca do chão em danças delirantes o jovem colegial e o intelectual maduro.
Aclamada em todas as veredas percorridas, a banda formada em Vitória da Conquista - cidade baiana cosmopolita do interior - homenageia o negro escravo do batuque, da cana, do café e do blues.
Café com Blues lança seu primeiro CD, tão esperado e cobrado pelos amigos, familiares e freqüentadores assíduos dos espetáculos. A demora se justifica na qualidade da criação; a canção Blues na Caatigueira encabeça o grupo de composições ricas em solos de guitarra e gaita, elementos percussivos, sopros monumentais e ritmos nordestinos, numa fusão com o autêntico blues, originário do quintal norte-americano. Esse disco possibilita a expansão do deleite à música baiana e universal de qualidade e lança a Café com Blues num horizonte dos astros do som.

Sophia Mídian
Formada em jornalismo pela UESB, pós-graduanda em cinema expressão e análise pela UCSAL

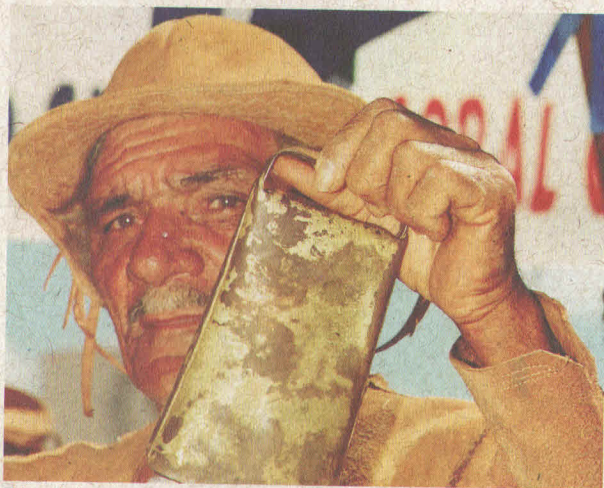
01-Blues na Caatingueira

Thomaz Oliveira e *Dominio Popular

No sertão,
Pé rachado caatingueira
Carcará,
Quando é que vai chover?

No topo da serra, um murundu
A cerca a seca, demarcando a região
Uma paisagem bela no sertão
É onde nasce o improviso
De um broto nasce um riso
Flora no seu coração

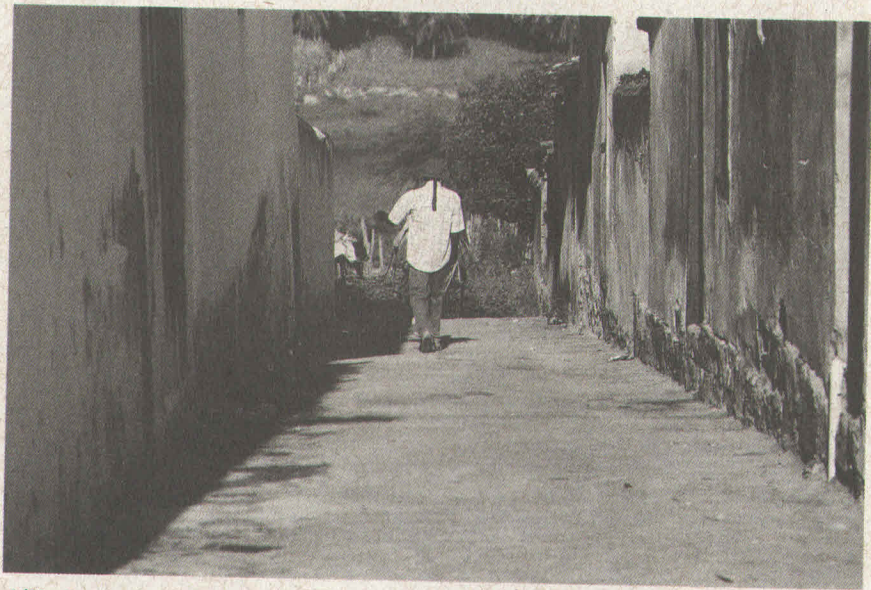
*15, 14, 13, 12 11
10 e 9
Só faz lama quando chove
E enche o riacho Gramum
Pássaro preto é Anum
Que no bico traz o vinco
8, 7, 6 e 5
4, 3, 2 e 1

Na lua cheia uma paisagem prateada
Mandacaru retém água pra viver
O solo seco é a riqueza dessa terra
A vela, a reza pra o que vem acontecer
" Chuveu na cabiceira" Riachão
É onde nasce o improviso
De um broto nasce um riso
Flora no seu coração

Edna Nolasco (Festa do Vaqueiro)

Voz, flauta de lata de óleo - Diro Oliveira
Voz, mega fone, bateria - Thomaz Oliveira
Viola - Júlio Caldas
Guitarra - Lúcio Ferraz
Baixo - Luciano PP
Sax soprano, sax tenor solo - Horton Macedo
Trombone 1 - Dahora
Trombone 2 - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais
Pandeiro - Bazé
Arranjos dos metais - Samuel Teixeira

Café com Blues e etc,...

Nessa infinita highway que é a vida, andamos sempre sendo puxados por uma mão amiga. É assim...
Quando Diro Oliveira me convidou para coordenar a participação dos historiadores no projeto do Café com Blues, só uma palavra me veio: transcender. Transcender territorialidades.
Transcender nesse sentido vem de ultrapassar limites, seja de grupos, de classes ou nações. Transcender aos limites até mesmo históricos e reunir em torno do Blues, elementos musicais essencialmente brasileiros traduzidos pelo Cancioneiro Popular.
Executar o blues não é tarefa das mais fáceis. A idéia do Café com Blues vai além das dificuldades técnicas e ultrapassa as suas origens norte-americanas para reunir, em torno do Blues elementos musicais regionais, lançando-os no centro de uma dinâmica mundial, que tornou a proposta deste projeto, singularmente total.
A construção do projeto musical Café com Blues se deu através das pesquisas dos seus componentes e, a partir dessas pesquisas, o Blues, como elemento musical único, foi aglutinando em torno de si, tambores, pífanos, berimbaus, saxofone, mesclados aos tons das gaitas, guitarras e baixos. Como se os cantos de trabalho (work songs), de onde descende o Blues, atravessassem as fronteiras das Américas, e se fundisse num som marcadamente universal.
O blues, a partir do projeto Café com Blues, adquire um caráter musical que reafirma a diversidade e integra horizontes culturais, preservando a identidade do blues na sua forma musical. O Blues se fundamenta na utilização de notas tocadas e cantadas com fins expressivos. No projeto multi-cultural do Café com Blues podemos perceber essas características, nos instrumentos e variações de arranjos, onde cada elemento musical preserva a sua essência, sem uniformizar, criando uma sonoridade que nos permite alimentar a alma sem demandas culturais homogeneizadas, dispondo de uma estética musical articulada em três dimensões: mundial, regional e local.
Levando em consideração todos esses aspectos, reunimos alguns historiadores, que vão construir no entorno dos elementos que compõem o projeto musical do Café com Blues, a sua contribuição, a partir de relatos históricos que permitam a compreensão da fusão entre o Blues e o Cancioneiro Popular. Nesse momento, a expressão musical transpõe as barreiras do impossível e vai buscar, na reunião de elementos sonoros, as raízes musicais de uma América imensa.

Nanci Patrícia Lima Sanches
Mestranda em Historia Social pela UFBA

Júlio Cesar

02-Lei Áurea

Diro Oliveira - Júlio Caldas - Thomaz Oliveira

Princesa Isabel
Com lápis e papel
Anotou com precisão
A sua decisão

Dizendo quem podia ser livre
Fazendo quem queria ser livre
E então?

Princesa Isabel
Com sua decisão
Anotou com seu papel
Uma grande ilusão

Dizendo quem podia ser livre
Fazendo quem queria ser livre
E então?

Ela não imaginavá o que ia acontecer
Sua lei entrelaçava
Ela não tinha poder

Não abria mais senzalas
As portas estão fechadas
Até hoje podem ver
E então?

José D'Almeida

Voz, guit.sat, guit. solo - Júlio Caldas
Guitarra solo 2 - Lúcio Ferraz
Baixo 4 cordas - Luciano PP
Gaita, berimbau - Diro Oliveira
Bateria - Thomaz Oliveira
Sax Tenor - Horton Macedo
Trombone - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais

Sobre Blues e Café.

É uma noite muito bonita e fria. O céu escuro está todo estrelado, em eterna e muda vigília. Estou sem sono e triste, uma tristeza de saudade do longe, de onde de dentro de mim venho. Ponho a tocar um blues. Uma voz quente e melancólica, que sai de uma alma também melancólica, se espalha, inundando todo o ambiente. Vou à cozinha e preparo um café. Ao segurar a xícara exalando fumaça, basta um pequeno gole da saborosa bebida para que, mais uma vez, a melancolia se apresente.
Blues com Café... "Café com Blues"...
Mergulho nestes dois universos e sinto o quanto de comum há neles. Tanto o blues quanto o café são frutos da interação entre as contradições da América, dessa estranha dança entre as etnias, que acontece desde a chegada dos negros à América e ao Brasil, originários de um contexto social e histórico bastante semelhante.
A história do blues se confunde com a existência da escravidão negra na América. Podemos dizer que o blues é um gênero musical verdadeiramente étnico, porque foi muito mais que uma simples música para o povo negro dos Estados Unidos. O blues foi uma música que nasceu como forma de expressão de um estado de espírito dos escravos americanos. Antes de mais nada, o blues expressou a segregação e a humilhação sofridas pelos negros americanos de tempos passados. O blues, remetendo a sentimentos que exprimem o essencial da alma humana, serviu como marco de resistência dos negros, através das canções de trabalho (as work-songs), dos hinos religiosos e do canto formado por chamados e respostas da Igreja Batista.
A história do café também se confunde com a existência da escravidão negra aqui no Brasil. Assim como o blues foi uma forma utilizada pelos escravos americanos para expressar seu estado de espírito, os negros escravos e descendentes de escravos que trabalhavam nas lavouras de café aqui no Brasil, carregavam na alma o banzo de seus antepassados. O banzo é uma nostalgia, uma saudade da pátria mãe terrivelmente mortal. O banzo é um tipo de depressão profunda, uma grande tristeza à qual os negros se entregavam, que causava falta de apetite e levava à morte por inanição. Essa era uma forma comum dos negros resistirem ao processo de degradação humana que sofriam: escolhendo a saudade, a tristeza e a melancolia como forma de viver, assim como os negros americanos escolhiam o "sentimento blues".
Batem à porta de casa. Ouço uma voz chamar meu nome, trazendo-me de volta do mergulho. É um amigo, que vem me visitar. Acho bom ter companhia nessa hora. Assim, esqueço minha tristeza e lhe ofereço um CAFÉ COM BLUES...

Maria Luiza Santos Aguiar
Licenciada em História
Pós graduada em História do Brasil, ambos pelas UESB

03-De Repente um Blues

Diro Oliveira - Júlio Caldas - Horton Macedo

Vem do samba, do agogô
Seja de que lado for
É o som da nossa história
Se achegue por favor
Traz o mote é quem pensa
Que mistura suas palavras
Dando a elas seu valor
Entre as linhas da escrita
Dois numa conversa só
Um mandando uma resposta
Outro amarrando o nó
É o repente brasileiro
Dois numa conversa só

E a conversa se mistura
Procurando amarração
Misturando a melodia
Com o mote da canção
É a voz do nosso povo
É o Brasil cantando agora
É pra quem quiser ouvir
É pra Deus, Nossa Senhora

Entre as linhas da escrita
Dois numa conversa só
Um mandando uma resposta
Outro amarrando o nó
É o repente brasileiro
Dois numa conversa só

Sabiá Leão Rocha (Maria Sete Garra Violeira)

Voz do começo - Bule-Bule e Antônio Queiroz
Voz - Diro Oliveira
Guit. wah-wah,cavaquinho - Lúcio Ferraz
Guit. slide, guit. satur. - Júlio Caldas
Baixo - Luciano PP
Gaitas - Otavio Castro (Cromatizando a diatônica)
Bateria - Thomaz Oliveira
Triangulo - Bazé

CAFÉ

Café é palavra de origem árabe (qaHua, vinho comum), que nos veio do turco qahvé e deste para o italiano caffé. Fruto do cafeeiro, provavelmente vem da Etiópia e se espalhou pelo mundo. Até o Século XVII seu consumo era pequeno e o produtor maior era o Iemen. No século XVIII, os europeus já o consumiam: em 1660-1670, ocorria consumo em público em Paris.
Não se sabe precisamente quando o café foi introduzido no Brasil. Registro de 1731, da Alfândega de Lisboa, faz constar carregamento daquele produto chegado do Maranhão. No entanto, atribui-se a Francisco de Melo Palheta haver trazido, em 1727, sementes da Guiana Francesa e produzido mudas no Brasil. O cultivo, no Rio de Janeiro, principal produção brasileira inicial, começou em 1761, com mudas vicejadas no Pará. Daí estendeu-se pelo Vale Paraíba, alcançou o Planalto de São Paulo, depois o Paraná, tornando-se o Brasil o principal produtor mundial.
Nas diversas áreas altas do Brasil, o café foi e continua a ser cultivado. A Encosta do Planalto da Conquista, na Bahia, teve importante produção, mas os cafezais da área foram erradicados nos anos finais da década de 60 do século passado. Em 1972 o café passou a ser cultivado no Planalto da Conquista, especialmente nos Municípios de Barra do Choça, Planalto, Vitória da Conquista e Encruzilhada. Seu cultivo no Planalto da Conquista, originariamente está vinculado a projeto governamental de exportação de grãos e à ocorrência de ferrugem e geada nas áreas cafeeiras do sul. O café, cultivado inicialmente com a mão-de-obra escrava, depois passou a ser trabalhado por colonos vindos da Europa (especialmente italianos) e, após, com mão-de-obra assalariada, arregimentando grande número de bóias frias nas épocas de colheita e limpa.

Aqui ele é servido com blues.

Rui Medeiros
Advogado e Professor da UESB

04-Cultura

Thomaz Oliveira

Cultura, presente!!
Censura, ausente!!
O artista é livre
Liberta a expressão

Nascente as culturas de berço e de sorte
De tudo que é bom vem do norte
Norteando os corações

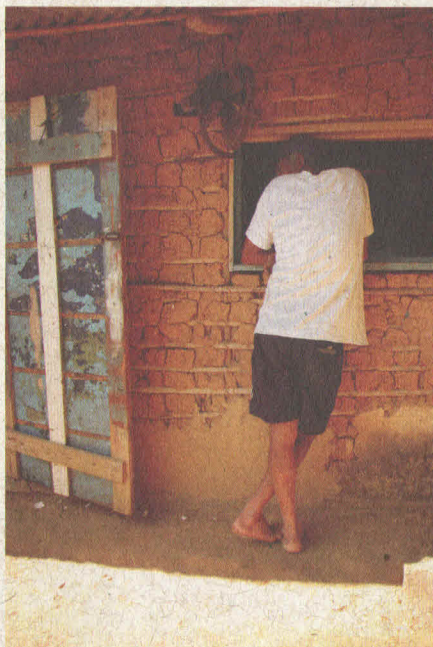
Lai la, lerê

Cultura, presente!!
Censura

Salve as culturas do nordeste
Deste norte, leste, oeste
Vindas de todo Brasil

Lai ra, Brasil
Lai ra, Brasil

As lavadeiras do rio
As cores da bandeira
Um sentimento bravio
Viva a música brasileira
No barro as formas de um pensamento nordestino
Na janela o olhar do menino
Nas águas que corre pro mar
Descendo cultura rio abaixo
Da fonte é que nasce o riacho
Do norte a inspiração
Feliz do cabra brasileiro
Que bebe água nas fontes do sertão lai la, lerê

Voz, bateria - Thomaz Oliveira
Guit.slide - Júlio Caldas
Guit. base - Lúcio Ferraz
Baixo, orgão - Luciano PP
Flauta transversal - Diro Oliveira
Pand.triang.tamborim, atabaque - Bazé
Sax Tenor - Horton Macedo
Trombone - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais

Leonardo Ishi

A língua(gem) e a essência de um ser/tão blues

Variar. Variação de sons e melodias. Variação de instrumentos. Variação de pessoas. Variação de culturas. Variação de formas lingüísticas. A palavra varia na língua do povo. Um povo que, sendo visceralmente desigual, onde cada um é identidade que se coletiviza, traz uma linguagem heterogênea.

Nas composições da Café com Blues, sentimos não apenas o uso da licença poética, mas ,sobretudo, a liberdade de ousar na linguagem. Eles, de forma encantadora, rompem com as estruturas de uma gramática imperativa de valores estabelecidos e, resgatando outros e tantos valores do povo, mexem e (re)mexem as palavras nos oferecendo outros sabores. Trazem a língua(gem) do sertão, o dito da caatinga .

Não brigam com o valor das palavras em momento algum, brincam com elas, dando-lhes outras formas, aguçando-nos outros sentidos .Elas, nas mãos desses artífices, se metamorfoseiam e, assim, o umbuzeiro se transfigura em umbluseiro, a concordância prescrita cede lugar à consonância do falar da caatinga, o norte aqui deixa de ser apenas uma região e transcende a um rumo de vida.

Em suas canções, por vezes, mencionando uma liberdade aprisionada, nos indagam gravemente um E, então? Por vezes, assumem a mistura de palavras nas linhas da escrita, mas ousam e misturam mais... cruzam artes, cruzam o repente e o blues. Como se estivessem a chamar Culturas e estas respondessem presente!

Sinto nessa obra, nesses textos em melodia, um prenúncio do tempo de uma terra nova, um prenúncio de bons tempos, tal qual aquele sentido pelo sertanejo ao vislumbrar a chuva em tempos de seca, nos fazendo entender/compreender que a seca e a chuva obedecem a uma dinâmica cíclica própria da existência.

Esses seis seres nos provocam a comunhão entre dois princípios da vida: o labor, realizado através da arte, e o sabor, seja da arte, das pessoas, do blues, do café, da vida e, assim, nos revelam a essência de um ser/tão blues.

Valéria Viana Sousa
Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

As diversas formas de representações sociais, em particular as expressões artísticas e culturais, se originam, se mantêm e se reproduzem numa vinculação permanente com os contextos históricos, econômicos e sociais, nas quais se situam. A arte e a cultura carregam, de forma mediatizada, portanto não mecânica, as marcas de realidades e heranças do passado. Igualmente, tendem a traduzir os sentimentos, visões e valores do presente. A arte é sempre um diálogo de homens e de tempos, um fluir da sociedade.

O Blues, como gênero musical, tem suas raízes no sul dos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, nas regiões de grandes plantações, principalmente de algodão, nas quais a escravidão de negros africanos predominava nas relações de produção. Em suas origens, era um canto de exílio, de trabalho, de dor, de saudade, mas, também, de louvação e de esperança. Do delta e dos vales do Mississipi, migrou, no início do século XX, para as bordas das grandes cidades do centro norte, ganhando, posteriormente, todo o mundo, se constituindo num símbolo de afirmação étnico-racial dos negros americanos e fonte de inspiração e influência para outros gêneros musicais.

CAFÉ COM BLUES, formada por músicos de Vitória da Conquista, testemunha a riqueza e as facetas desse gênero, propondo uma releitura de suas possibilidades poético-musicais, inserindo-as nas raízes culturais do Sertão da Ressaca ou Sudoeste Baiano.

Esta região englobava historicamente um vasto território, abrangido entre os limites dos rios Pardo e das Contas. Contornava desde as nascentes do Rio Pardo, no Norte de Minas, até as margens e os vales de Maiquinique e Potiraguá, indo até a parte ocidental da Chapada Diamantina, estendendo-se até as terras onde hoje se localiza o município de Jequié.

A empreitada colonizadora foi executada, em diferentes etapas, entre a primeira metade do século XVIII e início do Século XIX. Implicou uma gradativa dinâmica política, econômica e social que transformou fazendas em povoados, povoados em vilas e vilas em cidades e foi, também, um conjunto de relações conflituosas entre os colonizadores e as sociedades indígenas, das quais resultaram entrelaçamentos e amálgamas de práticas e representações sociais mais complexas, sutis e prolongadas, no espaço e no tempo.

Nessas plagas fortemente marcadas pelas atividades agropastoris, vicejaram os costumes dos vaqueiros e tropeiros; o catolicismo, com seus cerimoniais e cânticos litúrgicos e, sobretudo, com as festas profanas e ritos populares; os batuques e cânticos de escravos de fazendas e negros quilombolas, fugidos de muitos lugares; hábitos de culturas indígenas, em suas diversas práticas e representações e, por certo, inúmeras vivências e convivências ainda hoje submersas em muitas outras expressões da cultura popular sertaneja.

Café Com Blues inspira-se nessa herança e explora, principalmente, ritmos e sons de folguedos e reisados populares, ainda vivos, resgatados, nos últimos anos, no Município de Vitória da Conquista. Como se sabe, os reisados ou ternos de reis são manifestações de caráter lúdico-religioso, que se apresentam nas festividades natalinas, de dezembro a janeiro, celebrando, com cânticos ou em pequenos atos encenados, temas relativos ao nascimento e Paixão de Cristo, aludindo sempre à visita dos reis magos a Jesus. Em geral, caracteriza-se por cantos e danças acompanhadas de um conjunto instrumental de percussão e sopro, como pífaros, caixa, zabumba, pandeiros, violas e violões.

Esta é uma tradição que se originou em Portugal e ganhou projeção entre nós, no Século XIX. É ainda bastante significativa, em muitas cidades e povoados da região. Sobrevive, também, no meio urbano, especialmente, entre pequenos grupos de convivência que mantêm a tradição.

Neste trabalho, portanto, Café com Blues recria, musicalmente, essa longa, tortuosa e rica trajetória que percorre os caminhos, desde a escravidão nas Américas até as permanências culturais dos sertões da Bahia. Mais uma vez o Blues se faz poema e canção, inspirando-se na alma do povo.

José Raimundo Fontes
Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Departamento de História, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e Prefeito de Vitória da Conquista

Hildebrando Oliveira (Ipê Amarelo)

A Geografia do Blues: do Mississipi ao Rio Gavião

Em geografia, a paisagem é essência e aparência. Segundo Luchiari (2001), "seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história". Em cada época, o imaginário coletivo trabalha a paisagem e essa se traduz em cultura. Cada paisagem será, portanto, resultado desse imaginário coletivo e cultural. Falando em cultura, cabe refletir um pouco sobre a paisagem e o Blues que, desde que surgiu nos Estados Unidos a partir do século XVII, representa a labuta dos negros escravos que faziam canções durante as plantações de algodão. Transferidos da África para o trabalho forçado, os negros desenvolveram um estilo de cânticos e temas espirituais que aliviavam a carga pesada da escravidão.
A paisagem cultural que melhor retrata esse momento é o Mississipi: o grande rio Mississipi. Este rio possui a terceira maior bacia hidrográfica do mundo, só superada em tamanho pelas bacias dos rios Amazonas e Congo. Sua bacia cobre mais de 3.225.000 km2, incluído todos ou parte de 31 estados americanos e duas províncias canadenses. Os maiores nomes do Blues são da região do Delta do Mississipi. Essa região sempre teve sua força econômica voltada para a agricultura, com plantações de cana-de-açúcar, arroz e, principalmente, algodão. Foi nessa região que nasceu o "Delta Blues", um dos primeiros estilos de blues tocado.
Mas o Blues não se restringiu a este espaço, foi migrando para outras regiões do país e do mundo e foi sendo incorporado a outras paisagens locais e regionais. O Blues chegou ao Brasil, à Bahia. Em Vitória da Conquista, se aliou à cultura do café, responsável por um grande dinamismo da economia regional na década de 1970 e se fortaleceu na paisagem do sertão. Café com Blues, que mistura sensacional!
O Blues se rendeu a originalidade dos sertões que com temperaturas elevadas, expansão da caatinga, chuvas insuficientes, rios intermitentes, características físico-geográficas bastante diferentes do Delta do Mississipi, foi o cenário para a miscigenação de culturas. Café com Blues tem a função de fazer valer essa mistura étnica e cultural transformando os lamentos dos negros escravos do Rio Mississipi e do sertanejo das "bandas de lá" do Rio Gavião, que segundo Euclides da Cunha vivem o magrém (longa estação seca) e o verde (rebrotar do mundo orgânico por meio da chegada das chuvas), em paisagens de esperança de dias melhores.

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio
Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS.
Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Romeu Ferreira

06-Jornal da Manhã

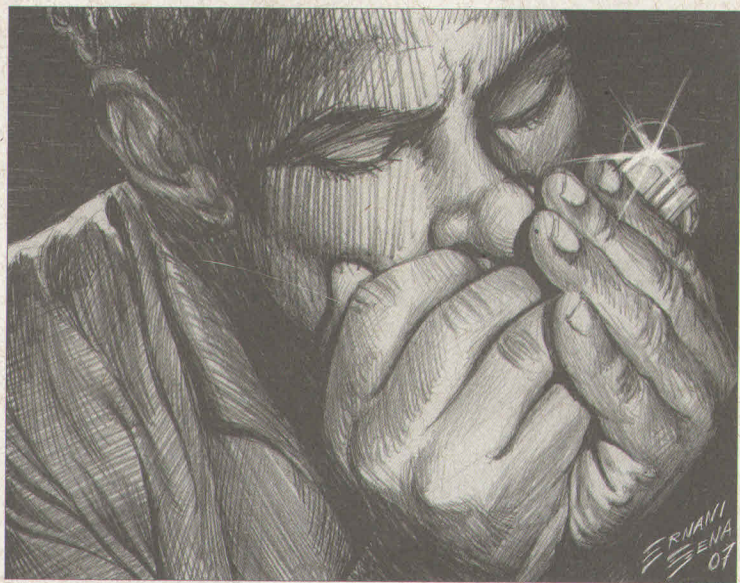
Paulo Macedo

Todo dia a mesma certeza
Todo dia sempre café na mesa
Todo dia leio os jornais
Todo dia as mesmas notícias
Guerra, fome, morte e eu tomando café da manhã

O frango adoece na China
E a vaca enlouquece na Inglaterra
Uma grande onda a Indonésia invadiu
E a onda do lixo invadiu o Brasil
Meu vizinho no seu rádio ligado
No café da manhã

O clima está perfeito pra praia
Mas eu tenho que ir pro trabalho, baby!
Enquanto a bolsa cai no país
Nos outros, os homens enchem as carteiras
E eu aqui sem grana tomando meu café da manhã

O papa beija o solo da terra
E ainda não há paz entre as nações
A sonda se perdeu no espaço
Meu time é um verdadeiro fracasso
E agora chamo de brack fast meu café da manhã
Meu break fast da manhã
Meu break fast da manhã
Meu break fast

Voz, gaita - Diro Oliveira
Guit. base, guit. solo dist. - Lúcio Ferraz
Guit. base, guit. wah-wah - Júlio Caldas
Baixo,orgão - Luciano PP
Bateria - Thomaz Oliveira
Sax Tenor - Horton Macedo
Trompete - Daniel Novais
Trombone - Paulo do Trombone

Ernani Sena

07-Navio Negreiro

Diro Oliveira - Júlio Caldas - Juli Flores

O navio saiu pro mar
Com um povo a navegar
Deixando sua história
Pra quem quiser contar

Um canto, um lamento, um grito
Um sentimento no ar

Caras, cores, dores, amores
Deixaram por lá
Pensando na promessa
De um dia voltar

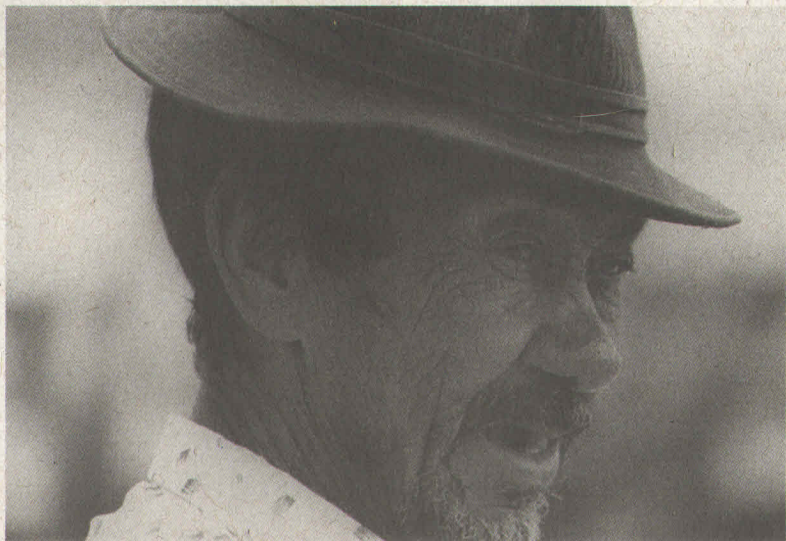
Em meio às correntes
Em que levam o mar

O navio aportou
Um aqui, outro lá
A vida de um povo
Começou a mudar

O café, a cana
E também o algodão
Vendo o povo gritar por libertação

Vendo o povo lutar por libertação

Voz, guit satur.guit. slide - Júlio Caldas
Guit. wah- wah, guit. base, guit. distor. - Lúcio Ferraz
Baixo fretless - Luciano PP
Batéria - Thomaz Oliveira
Gaita - Diro Oliveira
Sax tenor solo - Horton Macedo
Trombone - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais
Atabaque - Bazé

Dão Barros (Igualdade)

Beto Veroneze

08-Umbluseiro no Sertão

Diro Oliveira e *Dominio Popular

Cai a chuva na caatinga
Tá no pé do umbuzeiro
Junta água o ano inteiro
Pra poder sobreviver
Folhas verdes, pé frondoso
Fruta doce, amarelado
Espalhando no terreiro
Um tapete adocicado

É o nosso professor
É quem traz ensinamento
De sobreviver aos tempos
Seca sim e água não
É o rei lá da caatinga
Umbluseiro no sertão

É o rei lá da caatinga
Umbluseiro no sertão

Umbuzeiro é símbolo da caatinga
Testemunha da luta de um povo
Sendo seco e sem folha não tá morto
Nas aguadas florado verde está

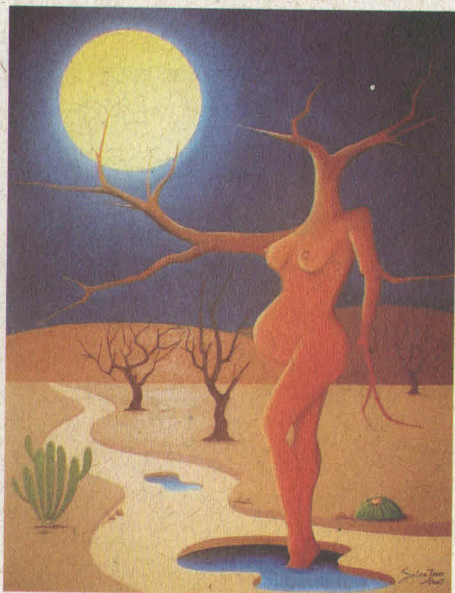
Alimenta os bicho, a terra a gente
Sendo nobre a sua realeza
Mesmo seco tem sua fortaleza
Nas batatas embaixo do seu pé
*Tudo isso provando quanto é
Poderosa e suprema a natureza.

Quando a seca toma conta
Nem sequer folha se ver
Umbuzeiro adormecido
Se engraveta mata a dentro
Mostrando seu talento
De mesmo seco viver

Junta água na batata
Se esconde terra abaixo
Vai dormir durante a seca
Junta água no seu pé
Basta uma gota de chuva
Ele da terra se muda
Ensinando como é

É o nosso professor
É quem traz ensinamento
De sobreviver aos tempos
Seca sim e água não
É o rei lá da caatinga
Umbluseiro no sertão

É o rei lá da caatinga
Umbluseiro no sertão

Voz do começo - Tança da Gameleira
Voz, flauta transversal - Diro Oliveira
Voz - Xangai
Cello - João Omar
Guitarra - Júlio Caldas
Guitarra - Lúcio Ferraz
Baixo,orgão - Luciano PP
Bateria - Thomaz Oliveira
Vocais - Walter Lajes - Manno di Soùsa - Diro Oliveira

Sílvio Jessé

09-Noel

Júlio Caldas - Cláudio Diolu

Diga!
Por que o senhor Noel é tão gordo?
Diga!
O que é que te faz ficar louco?
Ou fique mudo ou fique surdo
Fique cego, fique bem
Não fique, siga, vá em frente
Vá mais além

Além de onde você quer chegar
Mesmo que seja pra ficar por lá
Volte!

Veja!
Seus olhos abriram de novo
Pegue!
Seus sonhos saíram do poço

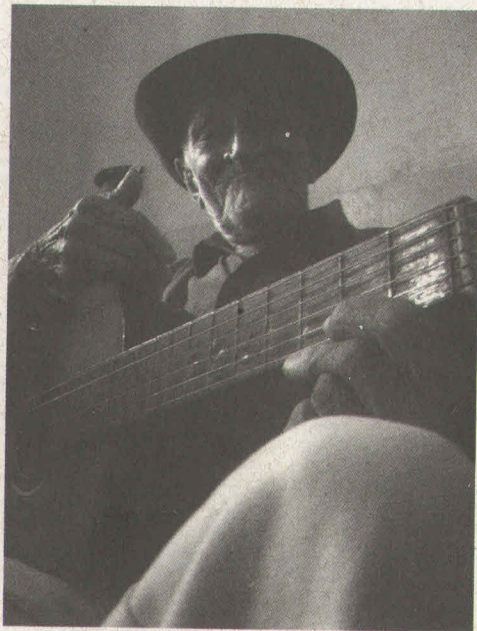
Corre depressa, não caia nessa
Fique firme, fique bem
Pisando forte, pulando o muro
Na linha do trem

Além de onde você quer chegar
Mesmo que seja pra ficar por lá
Volte!

Pegue!
Seus sonhos saíram do poço
Veja!
Seus olhos abriram de novo
Corre depressa, não caia nessa
Fique firme, fique bem
Pisando forte, pulando o muro
Pare na linha do trem

Além de onde você quer chegar
Mesmo que seja pra ficar por lá
Volte!

Diga!

Voz do começo - Seu Raimundo Ribeiro
Voz, guit. base - Júlio Caldas
Vocais - Thomaz Oliveira - Diro Oliveira - Júlio Caldas
Guit. wah-wah, guit. distorç. - Lúcio Ferraz
Baixo 4 cordas - Luciano PP
Gaita - Diro Oliveira
Sax tenor - Horton Macedo
Bateria - Thomaz Oliveira
Trombone - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais

Diro Oliveira (Raimundo Ribeiro 98 anos violeiro)

Sônia Leite (Folia de Reis)

Caio Mário (os três reis magos)

10-Folia de Santo Reis

Diro Oliveira - Júlio Caldas (adaptação domínio popular)

Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
É os cantador de reis
Quem mandou foi São José

Eu vim de longe
Trazendo a folia do Santo Reis
Eu vim de longe
Trazendo a folia do Santo Reis

Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
É os cantador de reis
Quem mandou foi São José

Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
É os cantador de reis
Quem mandou foi São José

Eu vim de longe
Trazendo a folia do Santo Reis
Eu vim de longe
Trazendo a folia do Santo Reis

De Jessé nasceu a vara
Da vara nasceu a flor
E da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador

25 de dezembro
Rei Messias foi nascido
No dia 06 de janeiro
Ele foi reconhecido

Joscélio Ferreira (Grupo Os Treis Reis Magos)

Voz do começo - Tança da Gameleira
Voz, gaita, pífanos - Diro Oliveira
Guitarra - Júlio Caldas
Guitarra - Lúcio Ferraz
Baixo - Luciano PP
Bateria - Thomaz Oliveira
Sax tenor - Horton Macedo
Trombone - Paulo do Trombone
Trompete - Daniel Novais
Zabumba - Bazé
Vozes - Cláudia Riso , Walter Lajes
Diro Oliveira e Lúcio Ferraz
Final - Grupo de reis (Os Três Reis Magos)

Somos gratos á Deus ao Mestre, por nos dar
a oportunidade de realizar esse trabalho, aos nossos pais
que sempre acreditaram na nossa música, aos amigos
e admiradores do nosso trabalho e a todos aqueles
que, de alguma forma, fizeram este cd acontecer.

Ficha Técnica
Concepção de Arranjos: Café com Blues
Produção Musical: Diro Oliveira e Luciano PP
Técnico de Gravação: Luciano PP
Técnico de Mixagem e Masterização: Arthur Fabiano e Luciano PP
Projeto Gráfico e Direção Artística: Diro Oliveira
Caricaturas: Tiago Hoisel (1) e Bira (2)
Revisão dos textos: Valéria Viana Sousa
Foto da Banda - Júlio Cesar (valeu a força!)
Foto da Capa e Agradecimentos: Leonardo Ishi (valeu,Leo, pelo empenho!)
Direção e Produção do Clipe Blues na Caatingueira - Paulo Tiago
Na música Umbluseiro no Sertão: Participação Especial de Tança da Gameleira, Xangai e João Omar
Na música De Repente um Blues: Participação Especial de Otavio Castro (Gaitas),
Bule-Bule e Antônio Queiroz nas vozes do repente
Na música Noel: Participação Especial de Seu Raimundo Ribeiro (98, anos, violeiro da cidade de Lindo Horizonte, onde gravamos nosso clipe da música Blues na Caatingueira)
Na música Folia de Santo Reis: Participação Especial de Sinval Andrade e do grupo de reis (Os Três Reis Magos)
Na música Folia de Santo Reis: Participação Especial de Cláudia Riso (as veinha do reis)
Participação Especial de Walter Lajes e Manno di Sousa no coro de Umbluseiro no Sertão
Voz de Xangai, Bule-Bule e Antônio Queiroz gravado no estúdio Artsanal (Pitt Aragão, valeu a força irmão!)
Coleta de som do reis na sala da Casa de Tança na Gameleira
Todas as impressões desta capa e rótulo foram feitas com as tintas Gênesis:
Plastisol para jeans , plastisol relevo base, plastisol gel fosco, tinta off set, e Tinta UV
Grato a Gênesis na pessoa do Guilherme (valeu, Gui, taí o book!)
Impressão da capa: Imprima Serigrafia
Impressão do encarte: Graficalog , impressor Júlio César (Valeu, Julinho pelo, carinho!)
Confecção da capa: Carol Gusmão (Valeu prima, ficou lindo!)
Gravado no Luart Studio (Valeu pela dedicação!) no período de março a novembro de 2007
Vitória da Conquista - Ba.

Este cd é uma obra coletiva, sozinho é impossível andar... grato a todos.

Blues na Caatingueira BR-D80-07-00001
Thomaz Oliveira

Lei Áurea BR-D80-07-00004
Diro Oliveira - Thomaz Oliveira - Julio Caldas

De Repente um Blues BR-D80-07-00006
Diro Oliveira - Julio Caldas - Horton Macedo

Cultura BR-D80-07-00005
Thomaz Oliveira

Um Sertão Belo BR-D80-07-00008
Diro Oliveira

Jornal da Manhã BR-D80-07-00007
Paulo Macedo

Navio Negreiro BR-D80-07-00010
Diro Oliveira - Julio Caldas - Juli Flores

Umbluseiro no Sertão BR-D80-07-00002
Diro Oliveira

Noel BR-D80-07-00009
Julio Caldas - Cláudio Diolu

Folia de Santo Reis BR-D80-07-00003
Diro Oliveira - Julio Caldas - Dominio Popular

www.cafecomblues.com.br

Diro Oliveira - Vocal, Flautas e Gaitas
Júlio Caldas - Vocal, Guitarras e Violas
Thomaz Oliveira - Vocal, Bateria
Lúcio Ferraz - Guitarras e Violões
Luciano PP - Baixo
Horton Macedo - Sax e Flautas